

Negociação demorada

Anamaria Rossi
Da Equipe do Correio

O governo Cristovam Buarque tenta, há oito meses, acabar com a invasão da Estrutural. Na terceira tentativa, o GDF ensaia há duas semanas, sem êxito, a remoção dos 1.300 barracos.

Na ausência de Cristovam, que estava em Cuba, era certo, no Buri-ti, que a retirada seria rápida e definitiva. Oficialmente, o sigilo sobre a operação era absoluto. Cristovam voltou e tudo se manteve como estava: imóvel.

Há uma semana, o GDF marcou presença na Estrutural, com fiscais policiais revirando tudo à procura das armas da resistência anunciada. Apesar da expectativa, nada foi encontrado. E os 1.300 barra-

cos continuaram de pé.

Enquanto isso, o governo se manteve, oficialmente, em silêncio absoluto. Mas continuavam vazando para a imprensa informações extra-oficiais de que a retirada seria feita "a qualquer momento".

Na quinta-feira passada o governo resolveu negociar a remoção. Promoveu um cadastramento das famílias, anunciou os critérios de seleção e chamou a Associação de Moradores para conversar.

Finalmente, no domingo, uma nota do governador: feito o acordo com a associação, a retirada começaria ontem. E não começou.

Das duas, uma: ou o governo está com medo de enfrentar um levante de invasores, que se dizem fortemente armados, ou resolveu levar às últimas consequências o slogan de popular e democrático, trocando uma ação rápida e definitiva por uma negociação que pode não ter fim.